

---

Psicologia e Fenomenologia: uma (aproxim)ação política frente à  
vulnerabilidade

---

*Psychology and Phenomenology: through a political approach/action in the  
face of vulnerability*

---

DOI: 10.12957/ek.2022.69699

**Jailton Bezerra Melo<sup>1</sup>**

Universidade de São Paulo  
*melo.jailtonb@gmail.com*

**Suely Emilia de Barros Santos<sup>2</sup>**

Universidade Católica de Pernambuco  
*suely.emilia@upe.br*

**RESUMO**

A psicologia de inspiração fenomenológica, ao voltar-se para o olhar das vulnerabilidades sociais, requer particularidades que ensejam uma ação clínica articulada, embasada via cotidiano de pessoas, grupos e instituições. Apresentamos, nesse trabalho, uma revisitação às teses de doutoramento dos próprios autores, que produziram considerações importantes para o assuntamento da vulnerabilidade e/ou situação de risco, tendo nas ideias de Martin Heidegger e Hannah Arendt aproximações possíveis com o fazer psicológico. A discussão foi construída a partir de uma atitude fenomenológica na

---

<sup>1</sup> Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Docente da Universidade Paulista (UNIP). Pesquisador colaborador do Laboratório de Estudos em Ação Clínica e Saúde (LACS-UPE/CNPq) e do Grupo de Pesquisa Saúde, interseccionalidade e marcadores sociais da diferença (SIMAS-FMUSP/CNPq).

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Docente da Universidade de Pernambuco (UPE). Professora do Programa de Pós-Graduação Saúde e Desenvolvimento Socioambiental (PPGSDS/UPE). Líder do Laboratório de Estudos em Ação Clínica e Saúde (LACS-UPE/CNPq).

psicologia, partindo do método cartográfico para leitura, compreensão e análise das teses. Após leitura crítica, a vulnerabilidade e a situação de risco revelaram-se como elementos importantes na conjuntura do existir humano, sendo dois fenômenos que coexistem e implicam-se com o mundo vivido. Consideramos, a partir disso, que a psicologia de inspiração fenomenológica pode embasar reflexões no campo das humanidades, com um realce para seu testemunho da ação clínica em psicologia coexistindo com a política. Nesse sentido, apontamos uma leitura crítica e hermenêutica acerca da implicação da psicologia com o viver cotidiano de grupos em situação de risco/vulnerabilidade, projetando discussões sobre o fazer ético e político da psicologia.

**Palavras-chave:** Atitude fenomenológica. Ação clínica. Ação política. Vulnerabilidade.

### ABSTRACT

The phenomenologically inspired psychology, when considering social vulnerabilities, requires particularities that justifies an articulated clinical action, based on the daily lives of people, groups and institutions. In this work, we present a revisit to authors own doctoral theses, that produced important considerations for the subject matter of vulnerability and/or at-risk, having in the ideas of Martin Heidegger and Hannah Arendt possible approaches with the psychological doing. The discussion was built from a phenomenological attitude in psychology, based on the cartographic method for reading, understanding and analyzing the theses. After critical reading, the vulnerability and the risk situation revealed themselves as important elements in the conjuncture of human existence, being two phenomena that coexist and are involved with the lived world. Based on that, we consider that phenomenological-inspired psychology can support reflections in the field of humanities, with an emphasis on their testimony of clinical action in psychology coexisting with politics. In this sense, we point out a critical and hermeneutic reading about the implication of psychology with the daily living of at risk/vulnerable groups, projecting discussions on the ethical and political practice of psychology.

**Keywords:** Phenomenological attitude. Clinical action. Political action. Vulnerability.

### Introdução

Dentre os diversos modos de ser psicólogo e psicóloga, assumimos, neste trabalho uma atitude fenomenológica, a qual “desloca-se do âmbito do método e da técnica

modernos, para o da compreensão fenomenológica hermenêutica da existência, dirigida para os modos como os fenômenos se apresentam, e para o desvelar do sentido” (SANTOS, 2016, p.142). Apresentamos, assim, como especificidade, um modo particular de debruçar-nos sobre os fenômenos da existência humana, revisitando pressupostos de filósofos(as) e pensadores(as) que comungam com a fenomenologia existencial, especialmente Martin Heidegger e Hannah Arendt, a partir de duas teses de doutoramento no campo da psicologia.

A título de caracterização do espaço situacional no qual as teses revisitadas se encontram, pensamos ser importante destacar suas construções enquanto reflexão sobre os desdobramentos em torno das situações de vulnerabilidade. Ressaltamos que para dar continuidade no andamento das pesquisas, bem como em seus apontamentos finais, os autores tiveram como suporte o próprio viver cotidiano das pessoas que participaram como colaboradoras das pesquisas. Além disso, a afetação pelos caminhos que as pesquisas tomaram ajudaram a guiar as reflexões aqui abordadas, revisitando não somente as teses, mas também o próprio sentido acerca do fenômeno da vulnerabilidade.

A primeira das teses, finalizada no ano de 2016, buscou compreender como a ação clínica ocorre no viver cotidiano, realçando um modo próprio do psicólogo e da psicóloga intervir diante de demandas que emergem dos acontecimentos que surgem no dia a dia de uma prática psicológica na rua, em um espaço coletivamente habitado por uma comunidade que vive situações de violência e violação de direitos cotidianamente. A tese anuncia fragilidades na formação do(a) psicólogo(a) quando esse(a) se dispõe a uma *práxis* profissional desencastelada do modelo consultorial, em especial quando o(a) psicólogo(a) se encontra presente nos acontecimentos do dia a dia, acompanhando o(a) outro(a) no cuidado de si, do conviver com outros(as) e no chamado a se responsabilizar pelo mundo que habita, desvelando um olhar para a ação clínica coexistindo com a ação política, ética, estética e educativa.

A segunda tese na qual este artigo se baseia foi finalizada em 2019 e intentou compreender como travestis, mulheres transexuais e homens trans solicitam uma ação de cuidado frente às suas especificidades e experiências em serviços de saúde e educação, com um recorte para as práticas de psicólogos(as) nesses espaços, apontando a ação clínica como modo de atenção e disposição política. A tese comunica da insuficiência de recursos teóricos e práticos que deem conta da aproximação do fazer psicológico frente a

tais experiências de corporalidades travestis e trans, refletindo a dinamização de processos que reverberam em violações (individuais, sociais, programáticas e epistêmicas) nas práticas de cuidado.

Ao nosso ver, essa colocação é necessária por entendermos que, epistemologicamente, discussões em torno da vulnerabilidade e/ou situação de risco necessitam de uma intersecção de olhares que se atentem a marcadores sociais da diferença – especialmente corpo, classe social, raça/cor, gênero e sexualidade, por exemplo, como fenômenos a serem interrogados constantemente, dada a mutabilidade de suas especificidades complexas, conforme apontam Chohfi, Melo e Souza (2021).

Apesar de não partirmos de um *a priori* nas discussões fenomenológicas, nos contextos sociais a aparição ôntica do corpo, da cor, do gênero e da sexualidade se mostram como propostas importantes para pensarmos o campo da experiência (MELO, 2019), desvinculando de uma premissa identitária e/ou de essência. Isso é importante na medida em que passamos a entender que marcadores sociais da diferença, são vividos na esfera política (singular e coletivamente testemunhadas), pela qual caminham processos excludentes que requerem atenção e cuidado, especialmente no campo da psicologia.

Partindo disso, a proposta deste escrito é analisar, à luz de uma psicologia de atitude fenomenológica existencial, de que modo seria possível contribuir no assuntamento da vulnerabilidade e/ou situação de risco, a partir da leitura e experiência com as teses referidas anteriormente. Essa proposta parte justamente do ensejo em situar compreensivamente o lugar possível da psicologia frente à iminência de violações de direitos de grupos compreendidos hegemonicamente como vulneráveis, para, daí, apontar outras possibilidades de como pensamos a atitude fenomenológica em seu retorno enquanto uma ação ética e política. Importa salientar que o que se revela neste trabalho é uma possibilidade de articulação entre filosofia e psicologia empreendida a partir de circunstâncias reveladas no viver cotidiano, enquanto psicólogo e psicóloga, no tecer de nossas respectivas teses de doutoramento.

Desde já, assinalamos que não temos a pretensão de uma discussão filosófica, mas de uma reflexão que tem origem em pesquisas com grupos considerados em situação de vulnerabilidade, numa leitura hermenêutica atravessada pela psicologia e filosofia. Como destaca Duarte (2010, p. 8), “pensar sempre foi exercitar um diagnóstico crítico e

reflexivo a respeito dos riscos que nos cercam cotidianamente, na chave hermenêutica da ontologia do presente ou da atualidade”.

Com isso, pensamos que a psicologia de inspiração fenomenológica, ao voltar-se para o olhar das vulnerabilidades sociais, deveria levar em consideração seus próprios pressupostos compreensivos, evidenciados na ação clínica e fundamentando-a enquanto possibilidade de atenção e cuidado. Será possível, assim, uma ação clínica em psicologia se esta ciência buscar a partir de uma compreensão-implicada-no-mundo, abarcar a existência sem desvinculá-la do viver cotidiano. Decerto, tal direcionamento só será possível quando a psicologia, em seu envolvimento, entender a política como sua constituinte, e não como uma especialidade.

### **Método: como caminhamos**

Este estudo é de caráter bibliográfico e cartográfico, procedendo de uma releitura das teses de doutoramento dos próprios autores (MELO, 2019; SANTOS, 2016), focando em temáticas que ganharam realce após o processo de pesquisa; ou seja, a compreensão de questões referentes a situações de vulnerabilidade e risco, a partir de uma leitura fenomenológica, num diálogo com a ação clínica coexistindo com a ação política. Para leitura compreensiva dos fenômenos referidos, colocamo-nos como mensageiro e mensageira apontando “algo que pode ser levado à compreensão, uma vez que sua ação é trazer luz ao sentido, e comunicá-lo. Ou seja, a hermenêutica possibilita esse desvelamento, não pela via da explicação, mas pela via da compreensão de sentido” (SANTOS, 2016, p. 47).

Partindo do pensamento arendtiano, consideramos que essa revisitação compreensiva às teses, possibilita não cair na armadilha de considerá-las como “tese inútil de doutoramento” (MANUS, 2018), realçando a importância da pesquisa, em especial no Brasil, como uma ação inconclusiva na qual

a compreensão é um processo complexo, que jamais produz resultados inequívocos. Trata-se de uma atividade interminável, por meio da qual, em constante mudança e variação, aprendemos a lidar com nossa realidade, reconciliamo-nos com ela, isto é, tentamos nos sentir em casa no mundo (ARENDR, 1993, p.39).

Assim, adentramos na busca por continuarmos nossas investigações escolhendo a cartografia clínica como método para percorrermos as trilhas das nossas teses,

aprendendo que “cartografar é dar voz, aquela que parte da reflexividade de nosso olhar com muitos outros.” (AUN; MORATO, 2009, p.123). Portanto, a releitura das teses se fez caminho possível para que fôssemos construindo outras compreensões ao sermos tocados pelos sentidos advindos desse novo olhar, ao qual encontra-se como elementos as experiências de raça, etnia, gênero, corpo, orientação sexual e classe social, intercruzadas nos achados das teses apresentadas. Entende-se, então, que a leitura é situada como cartográfica, na medida em que se localiza em documentos já apresentados anteriormente e se propõe a compreensão e intervenção em contextos acadêmicos e espaços coletivamente habitados, tais como nos referimos nos dois estudos.

Fenomenologicamente, ainda que as categorias raça, etnia, gênero, orientação sexual, corpo e classe social, por exemplo, sejam inscritas no caminho ontológico da existência humana, não só é importante, mas se torna essencial pressupor que tais categorias atravessam o cotidiano de pessoas, grupos e instituições. Com isso, circunscreve-se a noção de que *Dasein*, em sua abertura é, onticamente, inscrito via corporeidade, marcado, imputado e relacionado ao que é vivido-no-mundo ou, engendrado pela sua mundanidade de “viver em risco”, tal como corrobora Duarte (2010), o que aponta para a ideia de caminhar pelo tensionamento de que tais nuances são expressões legítimas que merecem realce nas práticas psicológicas.

Pensar a possibilidade de analisar cartograficamente as teses, nasceu ao nos depararmos com a articulação entre cartografia e registro feita por Braga (2014, p. 141), ao dizer que: “No registro escrito, o instante do vivido pode ser materializado” e continuar afirmando: “a publicização e comunicação é um momento de testemunho e aparição, pelo qual o desvelamento de um percurso e de uma práxis pode constituir um modo de articular a realidade humana” (p. 146). Assim, numa atitude cartográfica nos debruçamos sobre nossas teses como registros escritos, publicizados que poderiam nos guiar a outras possíveis análises compreensivas, especialmente na empreitada de compreender fenomenologicamente como os marcadores sociais da diferença já situados entram em consonância com os estudos da vulnerabilidade, especialmente em práticas psicológicas situadas no campo da saúde pública e coletiva.

Podemos, então, dizer que o território da cartografia clínica foram as teses, sendo sua leitura tecida pela fenomenologia “que nos permite ver os fenômenos como eles se mostram e desvelar o sentido fundamental de tudo que encontramos” (SPANOUDIS,

1978, p.6). Quanto ao nosso modo de análise, debruçou-se pelo olhar compreensivo, via hermenêutica, se fazendo abertura para tracejar o caminho metodológico deste artigo – como também, para ampliar o olhar compreensivo acerca de alguns dos fenômenos que tiveram realce nas considerações finais das duas teses, tais como a vulnerabilidade, as situações de risco, a violência e a violação de direitos básicos, mostrando-se como indicadores para a condução deste escrito e para criar possibilidade de tecer uma conversação acerca da temática em foco.

Manter-se numa atitude cartográfica ao transitar pelas teses foi uma possibilidade que brotou para a escrita desse artigo, uma vez que a caminhada por entre cada capítulo suscitava outra possibilidade de leitura que nos conduziu ao desafio de escrever *a partir* das teses, mas, não mais, *as teses em si*. Assim, outros fenômenos que se desvelam a quem escreve e reler “permitem criar outras vias de compreensão para aquilo que se mostra” (SANTOS, 2019). Importa destacar que, apesar das teses não terem se debruçado sobre um estudo acerca das situações de vulnerabilidade e/ou risco, em sua releitura tais elementos apareceram como iluminação, revelando seu atravessamento em diversos momentos, mesmo que ainda encobertos – o que demarca os motivos pelos quais nossa escrita é instigada a partir destes questionamentos.

### **A Psicologia e a Fenomenologia como possibilidade de leitura para a vulnerabilidade: uma primeira aproximação**

Ao que parece, a formação clássica em psicologia, assim como as demais ciências e práticas endereçadas ao humano e que partem de ideias naturalistas sobre este e sua relação com o mundo, prioriza disciplinas que “psicologizam” a vida, muito mais que disciplinas que conversem com experiências cotidianas vividas-no-mundo-com-outros – tal como correntes que pressupõem o humano e mundo como fenômenos atravessados entre si, como a fenomenologia, o existencialismo e o humanismo (FIGUEIREDO, 2014). Historicamente, dialogando com essa dimensão, a psicologia acaba recapitulando ideais normativos para medicar, tratar, curar, consertar e delinear práticas e saberes que perpassam a trajetória de seus sujeitos-objetos. Tais práticas, camufladas pelo olhar do crivo científico que molda e decompõe seus próprios sujeitos, regulamentam toda uma estrutura para o mundo conhecido e elaborado, “re-projetando” o humano moderno (FIGUEIREDO, 2014; MELO, 2019).

Na medida em que a psicologia inicia leituras na fenomenologia, percebe que a compreensão pré-elaborada sobre o mundo aproxima-se de uma condição metafísica sobre seu fazer. É assim que chegamos ao pensamento fenomenológico para tentar encaminhar possibilidades de compreensão no campo da psicologia, especialmente no assuntamento da vulnerabilidade e situações de risco, proposta de nosso escrito.

A análise do ser do humano, realizada por Heidegger, põe em manifesto possíveis modos de ser, um conjunto de propriedades que constituem a realidade comum. Heidegger (2012) vai compreender os modos possíveis de ser do humano ao desenvolver sua análise da existência – Analítica Existencial – como “existenciais” (*Existenzialen*), que se apresentam como possíveis “estruturas” da existência. Ao nos aproximar da analítica do *Dasein*, sinaliza que ele acontece-no-mundo e, nesse acontecimento o que nos interessa é não somente o seu sentido existencial:

A pergunta pela estrutura da existência visa à exposição do que constitui a existência. Damos o nome de existencialidade à conexão dessas estruturas. Sua analítica não tem o caráter de um entendimento existencial, mas existenciário. A tarefa de uma analítica existenciária do *Dasein* quanto a sua possibilidade e a sua necessidade já está prefigurada na constituição ôntica do *Dasein* (HEIDEGGER, 2012, p. 61).

Assim, interessa-nos olhar para o fenômeno em e através de sua mostraçã na trama do existir, ou seja, implicado com as acontecências de seu viver cotidiano. Nessa articulação, a cotidianidade atravessa e marca os modos do humano ser-com-outros, abrindo possíveis desdobramentos históricos existenciais do ser-no-mundo (SANTOS, 2016). Diante disso, realçamos que a ação clínica de psicólogos(as) que tomam a fenomenologia como lúmen, necessita estar comprometida com os acontecimentos do dia a dia; afinal, o pensamento fenomenológico parte do cotidiano, das acontecências do dia a dia e não de definições ou conceitos para se aproximar dos fenômenos ônticos que expressam a cotidianidade com seus problemas fundamentais (SPANOUDIS, 1981).

Caminhando por esta perspectiva, passamos a compreender que ao apontar os fenômenos ônticos como possibilidade para elaboração hermenêutica da cotidianidade, o pensamento fenomenológico situa uma condição importante acerca do compartilhamento entre os humanos. Na constituição da existência, os fenômenos “vistos”/“visualizados” na acontecência demarcam uma das principais enunciações: o ser humano se revela na conjuntura de ser-com, situado num tempo e num espaço.



Este pensamento respinga em outras compreensões sobre a existência, especialmente as que dialogam com a miragem da indissociabilidade entre humano e mundo. A inferência da constituição de mundo, de humano e de suas relações intrínsecas (que passarão a ser objetivo da ciência psicológica) permite a elaboração de caminhos que apontariam para ideias associadas à pergunta sobre o Ser e sua conjectura. Tais questionamentos reverberam nas ciências, especialmente na ciência psicológica, quando da constituição “subjetiva” da vida humana: de um lado a premissa de que esta estaria associada a uma “natureza” e, de outro, que comportaria uma “condição” humana.

A partir da inspiração heideggeriana, uma vez que somente os humanos são *Dasein*, o humano é o ente no qual é possível mostrar-se ser. Só ele é abertura, querer ser, compreensão de ser, possibilidade, atribuindo sentido à sua existência: “O que o existir enquanto *Da-sein* significa é um manter aberto de um âmbito de poder-apreender as significações daquilo que aparece e que se lhe fala a partir de sua clareira” (HEIDEGGER, 2009, p. 33).

Assim, *Dasein* aparece como a constituição fundamental do ser humano que permite conhecer e ser conhecido a partir daquilo que lhe vem ao encontro e se mostra (velado ou revelado) enquanto fenômeno-no-mundo. Nesse sentido, uma psicologia de inspiração fenomenológica estaria, portanto, revelada via impermanência da condição de existir, fadada ao não-controle; apontando para o mundo aberto e estranho, que se relaciona muito mais à condição de existir que à natureza preexistente (BARRETO, 2017).

Com isso, a crítica fenomenológica elaborada em torno do pensamento metafísico, permite à psicologia considerar que à medida em que a questão do Ser, em sua interpretação originária, passa a ser esquecida, questões mais ligadas às situações sociais que demarcam a diferença dos humanos (tais como as interpelações acerca de raça/cor, classe social, gênero, sexualidade, por exemplo) parecem seguir o mesmo percurso, sendo estes marcadores apreendidos na modernidade como mera substâncias e presentidades – todas expressas no corpo como localidade de sua materialização e vulnerabilidade social. Esse olhar pode contribuir para o enlace da psicologia, iluminada pela fenomenologia, em relação às acontecimentos cotidianas expressamente marcadas e delineadas por marcadores sociais da diferença.

Se passamos a entender que, para Heidegger, *Dasein* é existência, não haveria, pois, como classificá-lo, ou seja, não haveria fundamento para pensar um *Dasein* como preto ou branco, rico ou pobre, mulher ou homem. *Dasein* é o aí, imerso no mundo-com-outros. Numa leitura fenomenológica a partir destes fundamentos heideggerianos, é possível compreendermos, no campo da psicologia que, na abertura do mundo, ou melhor, no modo como o humano experiencia o mundo é que estas confabulações foram sendo inscritas e circunscritas. Categorizou-se, assim, classe social, etnia, sexo biológico, gênero, que, assumidas em prol de um movimento técnico-científico, revelam a vulnerabilidade da existência na qual a vida acontece e o humano se (re)conhece.

Entretanto, se considerarmos que essas “categorias” acima assinaladas são dimensões relativas a tatuagens que o humano carrega como próprias, constituindo-o nos seus mais variados modos de existir no mundo com-outros, poderemos adentrar num debate acerca dessas singularidades fazendo uma leitura hermenêutica, considerando-os como aspectos constituintes dos seus modos de existir cotidianamente.

Ainda que raça, etnia, gênero, orientação sexual e classe social, por exemplo, sejam marcadores revelados do *Dasein*, ou seja, constituintes da existência humana, as categorias devem ser entendidas como permeadas pelo (bio)poder, pela necropolítica, pela humilhação social, pelo patriarcado, pelo racismo, pela misoginia e por tantas outras estruturas sociais que perfazem a lógica da diferença e exclusão entre os humanos.

Se *Dasein* é a constituição fundamental para o chamamento do humano, permitindo-lhe conhecer e ser conhecido a partir de sua corresponsabilidade guiada pela manifestação do que lhe vem ao encontro (HEIDEGGER, 2012), a condição de sua existência não deve ser fadada ao se apropriar ou se extraviar, conhecer ou desconhecer, mas reconfigurada pelo estranhamento que daria indícios de que é pela via de tensionamento do mundo impessoal, marcado pelas diversas experiências e situações de violência que seria possível pôr em andamento outras possibilidades de existência e resistência coletiva.

### **Vulnerabilidade, risco e cotidianidade**

Na tentativa de expandir acerca do que compreendemos por vulnerabilidade e risco, recorreremos a Yunes e Szymanski (2001). Para as autoras, há uma diferença quanto à elaboração do sentido entre os dois termos – mesmo que sejam, usualmente,

empregados como sinônimos. A ideia de *risco* está associada a grupos e populações que são estudadas pela epidemiologia na categorização nosológica, considerando as condições de saúde-doença e iniquidades na saúde; enquanto a *vulnerabilidade* refere-se à precarização da subsistência dos humanos, associadas às predisposições e suscetibilidades a respostas negativas de condições sociais.

O risco, em nosso entendimento, estaria associado aos marcadores sociais da diferença já apontados, principalmente quando de suas adições para a mesma experiência – o que atualmente associa-se aos estudos da interseccionalidade. Assim, considera-se que a vulnerabilidade está presente nas situações de risco, sendo esse último marcado pela implicação direta com as condições abjetas de vida dos humanos.

Importa assinalar que o vocábulo *vulnerabilidade* geralmente está atrelado a uma dimensão mais pessoal (ou seja, o modo como se experiencia e se vive as vulnerabilidades programáticas, sociais e individuais), enquanto que o termo *risco*, liga-se a uma situação de fragilidade vivenciada por uma população, um grupo, uma sociedade. Podemos assim, pensar que a situação de vulnerabilidade dos humanos está atrelada a um certo risco coletivo e, evidentemente, político.

Compreendendo que situações de vulnerabilidade e/ou de risco se manifestam na cotidianidade, tomamos a seguinte provocação como direção para pensarmos acerca dessas temáticas:

para nós, fenomenólogos existenciais, é um constante desafio colocar-se à escuta de uma compreensão mais fundamental dos modos cotidianos de coexistência, e descobrir que por trás dessa sua aparente superficialidade escondem-se os enigmas mais contundentes da nossa condição humana (MICHELAZZO, 2002, p.195).

O autor evidencia o que nos lançou em direção a escrita desse artigo: o desafio de uma leitura fenomenológica dos modos cotidianos de coexistir, considerando que a “aparência” cotidiana nos diferentes modos de ser são mistérios constituintes do humano e sua implicação com o mundo.

Passamos, então, a compreender que ser pobre, negro(a), travesti, homem trans ou mulher transexual, por exemplo, são modos de ser que se manifestam cotidianamente na coexistência. Assim, o(a) psicólogo(a) iluminado(a) pela fenomenologia existencial, depara-se com diversas questões político-sociais que atravessam o seu fazer de ofício, chamando-o(a) a considerar e escutar as demandas que emergem oriundas de uma

população que se encontra em uma situação de vulnerabilidade e/ou risco em seu viver cotidiano.

Vale sinalizar o que estamos chamando de cotidiano, ou seja, o cotidiano é o que acontece dia a dia, sendo portanto, situacional; e mesmo que pareça repetitivo, é marcado pela presença do inusitado, da novidade que irrompe e quebra rotinas, solicitando outras direções nos modos de coexistir (SANTOS, 2016).

Nas palavras de Heidegger (2012, p.163), “a cotidianidade é um modo-de-ser do *Dasein* quando e precisamente quando ele se move” sendo o *Dasein* “o ente que eu sou cada vez eu mesmo. Ao *Dasein* existente pertence o ser-cada-vez-meu” (p.169). Vai se realçando que o modo de coexistir da cotidianidade é tecido no contexto situacional do viver cotidiano. Portanto, pré-ocupar-se com os modos singulares de estar-com, no horizonte do mundo cotidiano, leva-nos, também, a uma responsabilização pelo existencial comunitário, plural do con-viver com-outros, considerando propriedades distintas (aqui tomada como apropriação e pertencimento a um grupo social étnico, racial, quanto ao gênero ou classe social, dentre outros) – o que pode nos aproximar da alteridade. Afinal, como afirmava Heidegger (2002), a cotidianidade é atravessada pela manifestação pública do fenômeno.

Por outro lado, ao nos referirmos à expressão vulnerabilidade, requer assinalar que o sentido dessa palavra é carregado de imprecisões, e vem sofrendo mudanças justamente por estar diretamente relacionada a uma realidade dinâmica e mutável. Etimologicamente, o termo deriva do latim *vulnerare* (ferir, lesar, prejudicar) e *bilis* (suscetível) (CARMO; GIZARDI, 2018). As autoras destacam que conforme a bioética, a vulnerabilidade se mostra “como condição inerente ao ser humano, naturalmente necessitado de ajuda, diz do estado de ser/estar em perigo ou exposto a potenciais danos em razão de uma fragilidade atrelada à existência [...] eivada de contradições.” (CARMO; GIZARDI, 2018, p. 5).

Se compreendermos a situação de vulnerabilidade como própria do humano, podemos depreender a importância da ação clínica de psicólogos(as) inspirados(as) pela fenomenologia existencial voltarem seus olhares para este âmbito do existir humano. Fadada ao descontrole e às incertezas (pressupostos que comungam com a sua implicação direta em sua condição social), “a vida é projetada como nosso bem supremo, ao mesmo tempo em que é cotidianamente degradada” (DUARTE, 2010, p.2), em especial

considerando que ao experienciar a situação de vulnerabilidade o modo de ser desse humano encontra-se em eminência de sofrimento existencial.

Embora comungarmos da visão de que dor e sofrimento são “tonalidades afetivas existenciais” (FEIJOO, 2017, p.22) das quais o ser humano não escapa, é sabido que muitos grupos sociais vivenciam algumas situações de sofrimento diariamente, situações estas que são vividas repetidamente, sem o caráter do inusitado próprio da cotidianidade. Atrelado a isso, práticas que segregam a condição de existência da materialidade concreta do cotidiano tornam-se privativas, abrindo fissuras que se distanciam da ética da responsabilização do humano (BUTLER, 2017) e incitam o ofuscamento do exercício da cidadania (CHOHFI; MELO; SOUZA, 2021).

É importante assinalar que “Não trabalhamos na tentativa vã de evitar, eliminar ou curar a crise, o sofrimento - experiências próprias do ser humano” (SANTOS, 2019, p.36), mas cabe ao(à) psicólogo(a) por meio da atitude fenomenológica, inclinar-se numa disposição afetiva para acompanhar o outro em seu sofrimento oriundo do “encontrar” em situação de vulnerabilidade, ou melhor de periclituação da vida, quando seus direitos estão em jogo e suas vidas ameaçadas.

Lembramos de Arendt (1989, p.33, parênteses da autora) ao se referir a situação daqueles que são privados dos Direitos Humanos:

São privados não de seu direito à liberdade, mas do direito à ação; não do direito de pensarem o que quiserem, mas do direito de opinarem. Privilégios (em alguns casos), injustiças (na maioria das vezes), bênçãos ou ruínas lhes serão dados ao sabor do acaso e sem qualquer relação com o que fazem, fizeram ou venham a fazer.

Estamos falando de *vidas em risco* sob a ótica da desigualdade social, expostas ao preconceito e a uma “estrutura” desigual de concentração de poder. Alinha-se a isso a delimitação de quais vidas são legitimadas no espaço público (e, portanto, cidadãos passíveis de direitos) e quais são construídas à margem, desvestidas, nuas em sua condição “natural”.

### **Pelos caminhos da ação clínica em Psicologia coexistindo com a política**

Até aqui nos importamos com leituras críticas acerca da vulnerabilidade e sua implicação com o existir humano, tendo como recorte questões situadas à luz da

fenomenologia, que também foi questionada quando não considera os marcadores sociais das desigualdades. Nesse ponto, seguindo a mesma perspectiva hermenêutica, voltamos para as conseqüentes fissuras que apareceram no caminhar de nossas teses de doutoramento (MELO, 2019; SANTOS, 2016), em especial as que dizem respeito à ação clínica do(a) psicólogo(a) construída via implicação com grupos em situação de vulnerabilidade/risco.

Recorremos a Hannah Arendt, para aproximar a conjuntura do termo *ação*, entendida como constituinte da condição humana de existir. Para ela, “A ação, na medida em que se empenha em fundar e preservar corpos políticos, cria a condição para a lembrança, ou seja, para a história” (ARENDDT, 2018, p. 11). Em sua análise sobre a existência plural, situa que juntamente com a *ação*, outras duas atividades humanas aparecem como fundamentais para a condição humana: o *trabalho* e a *obra*, que se diferenciam em seus significados. Assim,

o trabalho é a atividade que corresponde ao processo biológico do ser humano.... A condição humana do trabalho é a própria vida.  
A obra é a atividade correspondente a não-naturalidade da existência humana.... A condição humana da obra é a mundanidade.  
A ação, única atividade que ocorre diretamente entre os homens, sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que os homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo (ARENDDT, 2018, p. 9).

Nessa direção, é no caráter da ação que consideramos que a pluralidade da existência humana se revela com notoriedade, ou seja, é a partir da coexistência *entre* mundo-humano-outros que é possível compreender o mundo, o humano e os outros. Demarca-se, com isso, que é na experiência que se intercruza que se torna possível dialogar e testemunhar os modos de vida constituintes da tessitura mundana, tais como atesta-se nas condições de risco e vulnerabilidade.

Tomando Arendt (2018) como referencial, passamos a compreender que a clínica psicológica é o espaço de encontro entre o mundo vivido cotidianamente e a ação que acontece nesse mesmo mundo. Com isso, passamos a compreender a ação clínica do(a) psicólogo(a) coexistindo com a política, na medida em que encontramos o percalço dessa ação como fundamentada nas relações plurais, possibilitando abertura para tematizar e compreender o mundo a partir da constituição revelada pelas estratégias de vidas, especialmente de vidas em situação de vulnerabilidade e risco social. Isso permite

entender que é a partir do caráter da pluralidade que a vida se torna elemento a ser tematizado pela significação no mundo, com um realce para o modo singular como grupos em situação de vulnerabilidade lidam com os *riscos de viver em risco*.

Importa sustentar que tais considerações perfazem uma construção sobre o sentido advindo de *estar em risco*, deixando espaço para discutirmos a ação clínica do(a) psicólogo(a) e sua interface com o sentido de política empreendido pela sua condição de pluralidade entre os humanos.

Ademais, é importante situar que há “um caráter peculiar nas práticas psicológicas que têm como espaço a sustentação de uma clínica que sustenta a tensão das injustiças sociais e, portanto, políticas.” (MELO, 2019, p.197). Seguindo esse caminho, passamos a discutir nossa compreensão de *ação clínica*, para, a partir disso, podermos pensar uma abertura possível para essa ação e direcionamentos que se aproximam do viver cotidiano.

Para Barreto (2013, p.39), “a ação clínica desloca-se do âmbito das teorias e técnicas psicológicas para aquelas da existência” e é considerada como a atitude e disponibilidade de um olhar atento e compreensivo sobre os fenômenos que surgem no cotidiano de sua prática. Ou seja, a ação do(a) psicólogo(a) se revela como o modo de *estar afinado(a)* em direção ao diálogo fundamental sobre a compreensão da existência-no-mundo-com-outros.

Partindo dessa compreensão, Santos (2016, p.147) assinala que a ação clínica no viver cotidiano, reveste-se de “uma dimensão ético-política (*ethos-polis*) que aparece como uma forma de organização do convívio humano, um tratado de con-vivência entre diferentes”, apontando para a indissociabilidade entre ação clínica e ação política. Ambas têm a marca do con-viver e a atitude de criar acordos “possibilitando que, no ‘estar entre homens’, a pluralidade se manifeste, e a inauguração de algo novo aconteça” (SANTOS, p. 193, aspas da autora).

Se entendemos nossa ação clínica como o espaço de realização de nossa atitude junto às existências, anterior às teorias e técnicas psicológicas (BARRETO, 2013; MELO, 2019; SANTOS, 2016), passamos a compreendê-la como um modo de destinação a partir da mundanidade, interligada à suposta primazia política do *ethos* humanitário. Nessa vertente, é possível pôr em questão o modo de acompanhar as experiências de sofrimento que se apresentam na contemporaneidade, realçando que a ação clínica fala de atitude, dirigida à “compreensão do vivido, acompanhando a saga do cliente na

tessitura do seu existir, acolhendo a alegria e a dor como presença no mundo” (SILVA et. al., 2019, p. 79).

Melo (2015) sinaliza que a abstenção da psicologia frente a alguns estudos, como os de corpo e outros marcadores sociais, reflete em direções tomadas por profissionais de psicologia por uma lógica interpretativa, guiada pelo olhar médico-centrado. Em articulação com Arendt (2019) é possível questionar tal abstenção quando do distanciamento da ação implicada com a política, ou seja, quando do descontrole de práticas que sintetizam o humano em apenas uma dimensão – a biológica.

Apesar disso, a psicologia brasileira atual tem ultrapassado essa lógica, especialmente em contextos nos quais o/a profissional é interpelado/a a rever seu lugar de saber, fazer e poder (MELO, 2019), especialmente em contextos nos quais o assuntamento da vulnerabilidade deixa de ser um tema e passa a ser evidenciada no cotidiano.

Permanecemos seguindo essa tese, por acreditarmos que existe um modo próprio de ser psicólogo e psicóloga de cada um(a) que está entremeado a um caráter político – se entendermos que a formação em psicologia pressuporia as relações humanas e o cotidiano como espaço dessa mostraçõ e acontecimento. Esse modo estaria próximo a uma perspectiva ética e política, porém amparado pelo caráter originário do sentido de ação, tal como a visão arendtiana.

Assim, conforme Santos (2016, p.194), caberia à psicologia “assumir a sua responsabilidade no viver cotidiano pelos espaços em que habita/transita.”, sendo o(a) psicólogo(a) a própria atestaçõ de sua açõ. Indo por esse caminho, podemos já considerar que a açõ clínica está terminantemente imbricada na política – são interdependentes. Passamos a entender tal açõ como um novo início, abertura que possibilitaria o encontro com a novidade, com a criaçõ do presente, dando possíveis endereçamentos a uma destinaçõ futura (ARENDDT, 2008, 2009).

### **Das tatuagens que ficam: para quê um final, se inicia um *pro-jeto*?**

A pesquisa em psicologia de inspiraçõ fenomenológica apresenta inúmeras considerações que extrapolam epistemologias positivistas que fundam as ciências. Em seu bojo, considera os fenômenos humanos como algo que se relacionam com o mundo, com os humanos, com os instrumentos, com o(a) pesquisador(a) e com as implicações



sociais (MELO, 2019; SANTOS, 2016). Em nossas pesquisas, percebemos que a ciência psicológica só é possível de caminhar pelo *ethos* humanitário, se entrelaçada à ética e à política.

Os fenômenos da vulnerabilidade e do risco aparecem, cotidianamente, na prática de psicólogos(as) em diversos lugares e instituições, principalmente em práticas psicológicas preocupadas com as realidades contextualizadas em que se encontram os humanos – tais como as psicologias construídas ao caos contemporâneo vivido na América Latina.

Tendo isso como lúmen, o escrito buscou apontar que as implicações sociais, culturais, de classe social, de gênero, de raça/etnia são importantes para a compreensão do humano moderno, pois desvirtuar-se disso pressuporia um distanciamento de uma ação clínica implicada com a compreensão de indissociabilidade entre humano-mundo. É na acontecência do viver cotidiano que o humano experiencia e revela seus modos de ser-no-mundo da coexistência. Pensamos que a ação clínica implicada com o viver cotidiano traz o sentido de política, demarcada pela sua construção de percalço face à experiência de psicólogos(as) com grupos em situações diversas de vulnerabilidade.

Acreditamos no posicionamento ético, estético, educativo e político do fazer psicológico, especialmente junto a pessoas, grupos, povos e comunidades que são atravessadas/os pela vulnerabilidade cotidiana (MELO, 2019; SANTOS, 2016). Sem essa viragem, as práticas psicológicas tornam-se sem direção, pois são descaracterizadas quando sustentam uma lógica de humano desvinculado de seu próprio mundo e viver coletivo, tal como é possível sustentar compreensiva e fenomenologicamente a partir dos escritos de Arendt (2009; 2018) e Heidegger (2011; 2012).

Na conversação com os referidos autores e no método da ação cartográfica, encontramos uma possibilidade de prática psicológica voltada para os acontecimentos da cotidianidade, com o compromisso de um cuidado coletivo, considerando o diálogo e a disposição afetiva como caminho possível à ação interventiva, e solicitando uma atitude de pre-ocupação com as demandas desveladas. A prática psicológica se volta, assim, para o descobrimento em vez de resguardada para a instrumentalidade.

Intentamos, nesse escrito, não propor uma *psicologia política*, mas refletir que o caráter de nossa compreensibilidade, a partir de uma atitude fenomenológica com grupos em situação de vulnerabilidade/risco, permitiu considerar as práticas psicológicas e a ação clínica enraizadas na acontecência dos fenômenos humanos, com compromissos ético-

político. Com isso, esperamos que nossa reflexão possa produzir discussões para os campos da psicologia de inspiração fenomenológica, apontando a importância de nosso fazer ético e político.

Retomamos, com isso, compreensões que, decerto, são caras para o campo da psicologia, principalmente se passamos a entendê-la como uma ciência hermenêutica comprometida com o social. Demarca-se, nas reflexões empreendidas anteriormente, que quanto mais a psicologia utilizar da fenomenologia apenas para responder a uma crise epistemológica, mais ficará distante de compreendê-la como uma atitude.

### Referências bibliográficas

ARENDT, H. *Origens do totalitarismo – antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARENDT, H. *A dignidade da política: ensaios e conferências*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

ARENDT, H. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARENDT, H. *A promessa da política*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ARENDT, H. *A condição humana*. 13. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

AUN, H. A.; MORATO, H. T. P. Atenção psicológica em instituição: plantão psicológico como cartografia clínica. In: MORATO, H., T. P.; BARRETO, C. L. B. T.; NUNES, A. P. *Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial: uma introdução*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009, p.121-138.

BARRETO, C. L. B. T. Reflexões para pensar a ação clínica a partir do pensamento de Heidegger: da ontologia fundamental à questão da técnica. In: BARRETO, C. L. B. T.; MORATO, H. T. P.; CALDAS, M. T. (Orgs.). *Prática Psicológica na Perspectiva Fenomenológica*. Curitiba: Juruá, 2013, p.27-50.

BARRETO, C. L. B. T. A ontologia heideggeriana do cuidado e suas ressonâncias na ação clínica. In: CABRAL, B. E. B. et. al. (Orgs.). *Prática Psicológica em Instituições: clínica, saúde e educação*. Curitiba: CRV, 2017, p.39-50.

BRAGA, T. B. M. Cartografia Clínica como ensino, pesquisa e intervenção. In: BRAGA, T. B. M. *Atenção Psicológica e Cenários Sociais: ação clínica, instituições e políticas públicas na promoção da cidadania*. Curitiba: Juruá, 2014. p. 107-144

BUTLER, J. *Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CARMO, M. E.; GUIZARDI, F. L. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. *Cad. Saúde Pública*, 2018, 34(3), pp.1-14. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v34n3/1678-4464-csp-34-03-e00101417>. Acesso em: 21 de dezembro de 2021.

CHOHFI, L. M. S.; MELO, J. B.; SOUZA, P. A. Da violência epistemológica a epistemologias próprias: Experiências de narrativas com mulheres cis periféricas, mulheres trans e travestis. *Saúde Debate*, 2021, 45(spe 1), 27-38. doi: 10.1590/0103-11042021E102. Acesso em 30 de julho de 2022.

DUARTE, A. *Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FEIJOO, A. M. L. C. Dor, Sofrimento e Desespero: do Homem Grego ao Homem Moderno. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Interpretações Fenomenológico-Existenciais para o Sofrimento Psíquico na Atualidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: IFEN, 2017, p. 7-32.

FIGUEIREDO, L. C. M. *Matrizes do pensamento psicológico*. 20. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

HEIDEGGER, M. *Seminários de Zollikon*. Petrópolis/RJ: Vozes; Bragança Paulista /SP; Editora Universitária São Francisco, 2009.

HEIDEGGER, M. *A caminho da linguagem*. 5. ed. Petrópolis/RJ: Vozes; Bragança Paulista/SP: Editora Universitária São Francisco, 2011.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MANUS, R. Essa sua tese inútil de doutorado. *Estadão* [versão online]. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/blogs/ruth-manus/essa-sua-tese-inutil-de-doutorado/>. Acesso em: 25 de outubro de 2021.

MELO, J. B. 2015. “*O corpo que habito*”: possibilidades de compreensão para a experiência do corpo amputado. Recife. 130 p. Mestrado em Psicologia Clínica [Dissertação]. Universidade Católica de Pernambuco.

MELO, J.B. 2019. “*Afasta de mim esse CALE-SE*”: Narrativas de corporalidades travestis e trans para uma ação clínica e política em psicologia. São Paulo. 232 f. Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano [Tese]. Universidade de São Paulo.

MICHELAZZO, J. C. Fenomenologia existencial e os modos cotidianos da coexistência. In: CASTRO, D. S. P. et. al. (Orgs.). *Existência e saúde*. São Bernardo do Campo: UNESP, 2002, p. 187-196.

SANTOS, S. E. B. 2016. “*Olha!... Arru(a)ção!?!...*” Ação clínica no viver cotidiano: Conversação com a fenomenologia existencial. Recife. 221 p. Doutorado em Psicologia Clínica [Tese]. Universidade Católica de Pernambuco.

SANTOS, S. E. B. 2019. *Saúde Mental é Saúde Vivida na Coexistência*. [Online] In: Anais do Encontro de Fenomenologias e II Ciclo de Debates sobre Fenomenologia e Pesquisa. p. 33-37. Petrolina: UNIVASF. Disponível em: [https://97746587-d4b6-4765-947a-391fb99a3d87.filesusr.com/ugd/4b9f6e\\_9e3f997eb6214e9e9f390456c9073b43.pdf](https://97746587-d4b6-4765-947a-391fb99a3d87.filesusr.com/ugd/4b9f6e_9e3f997eb6214e9e9f390456c9073b43.pdf) Acesso em: 30 de julho de 2022.

SILVA, et. al. Violência contra a mulher: ação clínica na prevenção em saúde. *Revista Saúde e Desenvolvimento Humano*, 2019, 7(2), pp. 77-87. Disponível em: [https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/saude\\_desenvolvimento/article/view/3965/pdf](https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/saude_desenvolvimento/article/view/3965/pdf) Acesso em: 14 de setembro de 2021.

SPANOUDIS, S. Apresentação: A todos que procuram o próprio caminho. In: HEIDEGGER, M. *Todos nós... ninguém: um enfoque fenomenológico do social*. São Paulo: Editora Moraes, 1981, p.9-22.

YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES, J. (Org.). *Resiliência e educação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 13-42.

---

**Recebido em: 16/08/2022 | Aprovado em: 27/11/2022**

